



» Entrevista | LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA | PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Ante a crise deflagrada entre o Palácio do Planalto e o Parlamento, o chefe do Executivo ressalta que Câmara e Senado aprovaram, em 2023, propostas importantes, como a da reforma tributária, e enfatiza que “divergências são normais”

“Relação com o Congresso é de diálogo e respeito”

» CARLOS MARCELO
» ÍGOR PASSARINI
» RAFAEL BERNARDES

Belo Horizonte — Em meio à crise entre o Palácio do Planalto e o Congresso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva procurou minimizar a tensão, exposta publicamente pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), no discurso de abertura do Legislativo, na segunda-feira. Segundo o chefe do Executivo, a relação do governo com o Parlamento “tem sido de diálogo e respeito”. “O Congresso aprovou, em 2023, medidas importantes, em especial a reforma tributária, que era um assunto discutido faz décadas”, argumentou, em entrevista exclusiva aos Diários Associados, na chegada, ontem, a Minas Gerais. “Divergências são normais. O importante é conseguirmos superá-las para trabalhar juntos no que interessa ao Brasil.”

O presidente também comentou a relação com o governador de Minas, Romeu Zema (Novo), que apoiou a tentativa de reeleição do então presidente Jair Bolsonaro e tem feito muitas críticas à gestão petista. “O governador não precisa gostar de mim. Não precisamos ser amigos, precisamos ser parceiros, por Minas e pelo povo mineiro”, frisou. Hoje, o chefe do Planalto divulgará os investimentos federais para o estado. A seguir, os principais trechos da entrevista:

O dia 8 de janeiro entrou para a história do país. Ao pensar nos livros de História do futuro, como imagina que essa data, bem como a sequência dos fatos, serão narrados?

Acho que ficará para a história como o ponto máximo de uma onda de insanidade e ódio que varreu este país durante quatro anos. O 8 de janeiro será lembrado como a tentativa frustrada de destruir nossa democracia e perpetuar no poder um aprendiz de ditador. Mas será também lembrado como o momento em que as instituições e os setores progressistas se uniram em defesa da democracia. Estará nos livros de História que no final da tentativa de golpe as instituições e a própria democracia saíram ainda mais fortes.

Evaristo Sa/AFP



Espero que a gente consiga juntar as forças democráticas, de preferência no primeiro turno, contra a extrema direita negacionista, essa gente que aparece nas redes digitais com um discurso maluco”

Qual nota daria para a relação com o Congresso Nacional, no primeiro ano de mandato? O que destacaria das relações com os presidentes Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e Arthur Lira (PP-AL)?

Nós somos Poderes independentes, que têm que ter relação harmônica, não cabe um dar nota para o outro. A relação com o Congresso tem sido de diálogo e respeito. O Congresso aprovou, em 2023, medidas importantes, em especial a reforma tributária, que era um assunto discutido faz décadas. Na realidade, já em 2022, antes mesmo da posse, o Congresso aprovou a PEC (proposta de emenda à Constituição) da Transição, que foi fundamental para fecharmos o Orçamento de 2023, com todos

os investimentos necessários para trazer de volta programas sociais que haviam sido extintos ou desfigurados pelo governo anterior. Eu destacaria uma reunião que tivemos com investidores americanos em Nova York, eu, Lira e Pacheco na mesma mesa. Os americanos disseram que isso seria impossível nos Estados Unidos, devido à polarização do país. Nós conseguimos mostrar que existe respeito mútuo. Divergências são normais. O importante é conseguirmos superá-las para trabalhar juntos no que interessa ao Brasil.

Todas as vezes que o senhor ganhou a Presidência, venceu em Minas Gerais. A que considera esse vínculo?

Minas é uma espécie de síntese do Brasil. Está no centro do país e faz fronteira com São Paulo, o Centro-Oeste, a Bahia e o Espírito Santo. Venho sempre a Minas, desde os anos 1970. Eu visitei muito todas as regiões ao longo dos anos, a Zona da Mata, o Vale do Aço, o Triângulo, o Norte de Minas, o Vale do Mucuri, a Região Metropolitana de Belo Horizonte, todas as regiões do estado, sempre dialogando com a população. Acho que o meu resultado em Minas tem a ver com esse forte vínculo político que construí ao longo dos anos com a população de Minas.

Como avalia a disputa pela prefeitura de Belo Horizonte neste ano? Qual a possibilidade

de uma frente única, com Fuad Noman e Rogério Correia juntos?

O cenário eleitoral em Belo Horizonte ainda está se desenhando. Eu espero que a gente consiga juntar as forças democráticas, de preferência no primeiro turno, contra a extrema direita negacionista, essa gente que aparece nas redes digitais com um discurso maluco, e que na hora de governar não sabe o que fazer.

Por que Minas Gerais está entre os últimos estados a serem visitados pelo senhor como presidente?

No primeiro ano, foi importante recuperar a imagem do Brasil no exterior, que foi muito desgastada pelo governo

anterior. O Brasil tinha se transformado num pária mundial. E aqui no Brasil estávamos reorganizando o governo. Foi preciso muito trabalho para reorganizar o governo depois da bagunça deixada pelo governo anterior, preparar projetos, retomar obras paradas. Então, não consegui visitar todos os estados que eu queria no primeiro ano.

Como entende que é possível melhorar a relação com o governador Romeu Zema? O senhor confirma o convite feito ao governador para o evento nesta quinta-feira?

Fui eleito para governar para todos os brasileiros. Fomos todos eleitos pelo povo, com o compromisso de melhorar a vida das pessoas. O governador não precisa gostar de mim. Não precisamos ser amigos, precisamos ser parceiros, por Minas e pelo povo mineiro. O governador Zema foi convidado para o evento, da mesma forma que foi várias vezes convidado para ir a Brasília defender os interesses do estado.

Em Minas está a segunda maior incidência de dengue no país, com 12 mil casos confirmados, e estado de emergência declarado. Será feita alguma ação específica neste momento? E como evitar futuras epidemias?

A dengue é um problema de saúde que é responsabilidade de todos. Desde cada morador evitar criar focos em casa, os prefeitos, governadores e governo federal. O mosquito não viaja de uma cidade para outra. Se cada pessoa cuidar de casa e da rua, se os governos locais, a tendência é conseguirmos reduzir os focos do mosquito. O governo federal está ajudando. Somos o primeiro país do mundo a oferecer a vacina no seu sistema de saúde, mas ainda não há a produção das doses disponíveis para o país todo. A partir deste mês, vamos atender regiões e públicos prioritários, na faixa de 10 a 14 anos, conforme cronograma definido pelos gestores técnicos do SUS (Sistema Único de Saúde), com base na incidência de casos de dengue em cada local. Esperamos que muito em breve a vacina seja produzida também no Brasil, além da vacina do Butantan, que está em fase de testes, para ampliarmos a oferta.

VISITA AO RIO

Com frase polêmica, defesa da educação

» INGRID SOARES

Em mais uma rodada de acenos eleitorais, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez elogios ao prefeito Eduardo Paes (PSD) durante anúncio da construção do campus do Instituto Federal do Rio de Janeiro no Parque Olímpico. “Queria dizer que vocês têm um prefeito especial”, apontou. Paes concorrerá à reeleição, e o PT negocia para indicar o vice na chapa. “Não precisa gostar dele, mas é preciso respeitar e reconhecer o trabalho do Eduardo Paes.”

Lula reforçou que o papel do Estado não é atender a megaempreendedorismo, mas à população carente e que a educação representa investimento e não gastos.

“Durante muito tempo neste país, educação para o povo humilde e necessitado nunca foi levada a sério. No Brasil, colocar dinheiro na educação é considerado gasto. Quando precisa aumentar salário de professor, fazer sala de aula, melhorar escola não é investimento, é gasto”, destacou.

À tarde, ao participar da cerimônia de lançamento da pedra fundamental do campus do Instituto Federal do Rio de Janeiro no Complexo do Alemão, o chefe do Executivo comemorou a medida, ao lado de Paes. A obra deve ser entregue em 2025 com investimento de 15 milhões.

“Hoje, dia 7 de fevereiro, não foi um delegado ou um capitão da polícia que veio anunciar a

quantidade de mortes no Complexo do Alemão; hoje, o governo federal e o governo municipal vieram aqui dizer, dia 7 de fevereiro, quem veio ao Complexo do Alemão foi a educação, para salvar essa gente”, bradou no palanque.

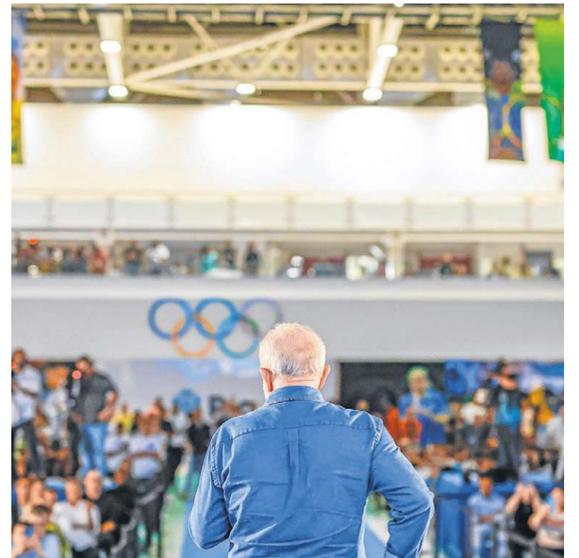
“Ajudante geral”

Ao defender a profissionalização, o presidente deu uma declaração polêmica, ao dizer que “nenhuma mulher quer namorar um ajudante geral”. “Se a gente não tiver uma profissão, vai ser ajudante geral. E ajudante geral não ganha nada. Nenhuma mulher quer namorar com um cara que mostra a carteira de trabalho: ‘Qual é sua profissão? Ajudante geral’. A

mulher fala: ‘Pô, cara, nem uma profissão você tem para levar arroz e o feijão no final do mês...’. Então, tem que estudar”, disse.

Logo depois, o petista enfatizou que seu governo tem investido em educação. “Estou investindo para tirar essa menina da rua, da bala perdida, do crime organizado”, apontou. “O Brasil sempre foi governado por gente que não tinha apreço pela educação do povo. E quando a gente faz aqui um instituto federal, é para que os filhos das pessoas mais humildes (...) possam se qualificar para o mercado de trabalho. Não é para aprender a lavar copo e panela, é para aprender a trabalhar com coisa chique, ganhar dinheiro e ajudar a sociedade”, completou.

Ricardo Stuckert / PR



Lula: “Nenhuma mulher quer namorar um ajudante geral”